

## A ABADIA DE THÈLEME: A CRÍTICA MASCARADA PELA VEROSSIMILHANÇA CARNAVALIZADA.

Renan Marques Liparotti  
Departamento de Letras - UFRN

Rabelais, no início do século XVI, chocou a sociedade da época ao publicar *Gargântua* (1534) pelo uso de uma linguagem simples, pela presença de elementos escatológicos e pela construção de um universo às avessas constituindo um realismo grotesco. Isso tudo com um tom de humor que açula o interesse do leitor. Afora isso, a temática abordada incitava as idéias renascentistas humanistas e anti-clericais, o que resultou na inclusão da obra ao *Index librorum prohibitorum* da Igreja Católica. No século XX, com a obra de Bakhtin, todas as visões sobre *Gargântua* passam a ser revolucionadas. A partir da idéia de carnavalização, então, busca-se aqui analisar o episódio da Abadia de Thèleme detectando como, por meio da verossimilhança, Rabelais teceu uma crítica voraz aos valores da sociedade medieval e assumiu-se dialético, na medida em que, por uma estética medieval, adota uma ideologia renascentista.

Palavras-chave: Rabelais, carnavalização, verossimilhança, idade média.

Ao abrir o livro *Gargântua*, depois editado juntamente com *Pantagruel*, Rabelais propõe:

Ao leitor

Antes mesmo de ler, leitor amigo, despojai-vos de toda má vontade. Não escandalizeis, peço, comigo: Aqui não há mal nem falsidade. Se o mérito é pequeno, na verdade, Outro intuito não tive, no entretanto, A não ser rir, e fazer rir portanto, Mesmo das aflições que nos consomem. Muito mais vale o riso do que o pranto. Ride, amigo, que rir é próprio do homem. (Rabelais, 2003:01)

Nesse momento, Rabelais já instaura a atmosfera da carnavalização (aspecto bastante estudado por Bakhtin), que conduzirá toda a obra. Isso significa que se dará um tratamento ficcional a personagens reais, criando realidades exageradas, grotescas: ultra-rationais que objetivam efetivar a brincadeira do *fugere videm realum*. Ou seja, subvertem-se as regras, instaura-se a desordem ficcional. Nela todos são iguais e isso parece agradar mais às pessoas afetadas pela hierarquização característica das diferenças sociais.

Rabelais, que se formou em Medicina, manifesta-se, dessa forma, como Dr. Rabelais defendendo a tese de que mais vale o riso do que o pranto. Assim ele:

Ao assumir a comédia, ao nortear o riso como parâmetro clínico para sua obra, temos a esfera de tratamento do Dr. Rabelais que, através do *pharmakós*, procura eliminar o pranto que cerca a vida do homem medieval atemorizado pelo fogo do inferno institucional, que só pode ser vencido pelo riso. (Ribeiro, 1999:33)

Esse princípio remete ao que vemos no seguinte pronunciamento do médico Sydenham (apud Adams, 2002:105): “A chegada de um bom palhaço na cidade exerce

influência mais benéfica sobre a cidade do que vinte burros carregados de medicamentos”.

Aqui serão analisados seis capítulos do livro *Gargântua*, os que descrevem a Abadia de Theleme. Abadia descende do latim *abbatia* e significa comunidade de monges. E Theleme é uma região dentro do universo da obra onde se fundaria a nova abadia.

Durante a Idade Média, principalmente depois de Carlos Magno e das invasões bárbaras, foram as abadias que lideraram as principais iniciativas culturais e de fomento econômico de muitas regiões européias, não resumindo a sua ação a funções religiosas e litúrgicas, mas, de fato, ‘civilizatórias’ (a própria igreja denomina sua ação em populações locais como civilizatória, mas até que ponto se tratou de realmente fornecer subsídios para integrar as comunidades ao mundo e até que ponto se tratou de imposições culturais não se pode prever).

Considerando o clima de carnavalização outrora citado, deve-se inferir que a abadia do François Rabelais será, no mínimo, diferente das tradicionais. Essas diferenças serão apresentadas no decorrer da análise dessas dezesseis páginas do livro *Gargântua*.

Nesse corpus, observa-se a apresentação da filosofia moral que conduz essa abadia, a descrição da sua construção caracterizada pela abundância, o exagero, o esbanjamento, enfim, caracterizando um realismo grotesco, a descrição minuciosa da “Inscrição sobre a grande porta de Theleme”, a descrição do interior da abadia e um pouco do cotidiano de quem a ela aderira. Afora isso, faz-se a descrição de “Como se vestiam os religiosos e religiosas de Theleme”. Finalizando, tem-se o capítulo LVII, que descreve “De como se ajustaram os Thelemites à sua maneira de viver”.

Propõem-se nesse estudo analisar como, por meio da verossimilhança, Rabelais conseguiu tecer uma crítica tão voraz, apesar de muitas vezes tão mascarada pelo universo dos exageros que acabam parecendo irrealis. Para isso vejamos alguns trechos que definem a filosofia adotada em Theleme:

A resposta do monge à oferenda de *Gargântua*, propondo a liderança da abadia de Seuille ou de Bourgueil ou de Saint Florent fornece algumas pistas para se iniciar a análise. Pois o monge se indaga: “Pois, disse ele, como poderia governar os outros se a mim mesmo governar não sei?”. E depois sugere “Se vos parece que algo vos tenha feito, e que possa no futuro vos prestar serviço agradável, permite-me fundar uma abadia ao meu gosto”. Esse, ao meu gosto, sugere sem dúvida uma quebra de paradigma, já que o modelo das abadias era uma tradição inabalável da Idade Média.

Nesse primeiro capítulo, o protagonista *Gargântua* se deterá a ditar as regras dessa nova abadia. Por isso, é preciso detalhar as normas no intuito de se entender a crítica filosófico-religiosa intrínseca nela.

A desnecessidade de se construir muros no excerto: “Primeiramente, então, disse *Gargântua*, não se precisará construir muros no circuito; pois todas as outras abadias são fortemente muradas” se mostra uma primeira crítica, pois como é explícito, onde há muros, há cobiça, ameaças hostis e conspiração. “É certo, e não é sem motivo, disse o monge; onde muro há adiante e atrás, por força há murmúrios, inveja e conspiração mútua”. Pois bem, no caso das abadias, essas eram devidas aos objetos de valor contidos no interior das mesmas e as oferendas que se costumava acumular.

Esses objetos eram principalmente as obras da antiguidade preservadas nas abadias que manteve as obras clássicas e permitiu seu acesso aos fundadores do novo humanismo renascentista. Isso graças ao trabalho dos monges copistas que, ainda que

corrompessem alguns dos textos, enriqueciam outros com comentários. Estes também que desenvolveram a ainda hoje conhecida arte das iluminuras.

Em seguida, Rabelais nos dá uma clara descrição de como a mulher era vista pelos clérigos medievais, um ser muito próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora em potencial. Afinal, todas elas descendiam, na concepção religiosa, de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. Assim, no início da Idade Média, a principal preocupação com as mulheres era mantê-las virgens e afastar os clérigos desses seres demoníacos que personificaram a tentação.

Dessa forma, a maior parte das autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e disseminadora do mal. Isso abria caminho para atitudes como a retratada neste fragmento “Em certos conventos deste mundo em uso, se ali entra uma mulher qualquer (refiro-me às honestas e pudicas) limpa-se o lugar por onde ela passou”.

E, refletindo, a mulher simbolicamente representa o desejo carnal que o homem possui e que diversas vezes o domina, sendo superior à racionalização. Tanto é que uma das etapas mais importantes para se concluir o período seminarista de um padre é o momento em que ele faz o “voto de castidade”.

Para corroborar essa concepção, observe o que se defende no seguinte excerto:

Esta fora de dúvida o facto de a mulher ter sido inferior. Nesta sociedade militar e viril, de subsistência sempre ameaçada e em que, por conseguinte, a fecundidade é mais uma maldição (e daí a interpretação sexual e procriativa do pecado original) que uma bênção, a mulher não estava em posição privilegiada. E bem parece que o cristianismo pouco fez para lhe melhorar a situação material e moral. É ela a grande responsável pelo pecado original. E é também ela a pior encarnação do mal nas formas da tentação diabólica. [...] (Le Goff, 1995:42).

Gargântua, como não poderia deixar de ser, propôs uma ruptura: “foi ordenado que, se religioso ou religiosa lá entrasse por caso fortuito, se limpassem cuidadosamente todos os lugares por onde tivessem passado”. Com isso, ele equivale os religiosos à mulher segundo a concepção dos eclesiásticos medievais e acusa-os de serem eles os reais portadores e disseminadores do mal.

Após essa crítica, Gargântua passa a questionar a vida controlada pelo tempo, pois este está intrinsecamente relacionado com o conceito da Física de Entropia e, assim, é algo inevitável. O que se deve ponderar, todavia, é se faz sentido viver uma rotina cronológica como viviam os monges das abadias, segundo o trecho de São Bento de Núrsia, por exemplo:

[...] os monges levantar-se à oitava hora da noite **2**. De modo que durmam um pouco mais da metade da noite e se levantem tendo já feita a digestão. **3**. O tempo que resta depois das Vigílias seja empregado na preparação de algum trecho do saltério ou das lições, por parte dos irmãos que disto necessitarem. (Núrsia, 1935).

Entende-se, assim, o motivo do excerto “E porque nos conventos deste mundo tudo é compassa, limitado e regulado por horas, foi decretado que lá não haverá relógio nem quadrante algum. Mas segundo as ocasiões e oportunidades serão todas as obras

praticadas”. Assim, propõem-se uma anarquia cronológica, na qual se faz as coisas quando se quer. A justificativa apresentada é ser insustentável o apego aos segundos e minutos, que servem apenas para fazer perder o limitado tempo de que já se dispõem. “Pois, disse Gargântua, a mais verdadeira perda de tempo que existe é se contar as horas. Que bem vem disso? A maior ilusão desse mundo é se governar ao som de um sino, e não ditado pelo bom senso e pelo entendimento”.

Dando seqüência à análise, tece crítica à marginalização de alguns grupos da sociedade:

Para que não se dedicassem à religião senão as mulheres zarolhas, caolhas, coxas, feias, defeituosas, loucas, insensatas, enfeitiçadas e velhas; e os homens encatarrados, malnascidos, néscios e trapalhões; (A propósito, disse o monge, uma mulher que não é bela nem boa, para que serve? – Para se tornar religiosa, disse Gargântua. – Isso mesmo, disse o monge, e para fazer camisas) [...] (Le Goff, 1995:42).

Para compreendermos essa concepção, faz-se preciso vermos o que diz Le Goff<sup>5</sup> sobre o assunto:

Nesse mundo em que a doença e a deficiência física eram tidas como sinais exteriores de pecado, os que desses males sofressem eram malditos por Deus e, portanto, pelos homens. A igreja acolhia provisoriamente alguns deles – o tempo de estadia no hospital era, geralmente, muito breve – e alimentava outros – esporadicamente, nos dias de festa. Os ouros tinham como únicos recursos a mendicidade e a vadiagem. Pobre, doente, vagabundo eram quase sinônimos na Idade Média [...] (Le Goff, 1995:52).

Verifica-se uma mistura de preconceito, discriminação e marginalização, pois se apresentam várias personagens-tipo de pessoas “deficientes”. Deve-se lembrar, todavia, que o propósito do texto ao explicitar essas vozes é justamente ridicularizá-las. Isso é corroborado ao vermos a proposta de Gargântua no seguinte trecho: “foi ordenado que lá não serão recebidas senão as belas, bem formadas e de boa natureza; e os belos, bem formados e de boa natureza.” Esse se define na perspectiva da inversão da normalidade características da carnavalização.

Por purismos, os conventos de freiras não deixavam à época que entrassem homens senão de forma ilegal. Assim, Gargântua decreta que: “lá não estarão mulheres, no caso que não estivessem os homens; nem os homens, no caso que não estivessem as mulheres”.

Gargântua promove a interdependência dos gêneros, assumindo assim uma visão naturalista de mundo inconcebível à ideologia medieval na qual imperava o puritanismo.

A quebra seguinte se dá reconhecendo a liberdade de ir e vir a todos os monges – homens e mulheres – podendo estes abandonar as abadias na hora que quisessem, pois eram acima de tudo livres. Mostra-se assim desnecessário aos religiosos de entregar sua vida a Deus, pois é possível ser devoto, mas manter uma liberdade individual, cabendo a cada um fazer suas escolhas.

No excerto a seguir, percebe-se a ruptura dos votos de castidade, algo inegociável para a Igreja Católica. “Porque ordinariamente os religiosos fazem três votos, a saber, de castidade, de pobreza e de obediência, ficou instituído que lá honestamente se podia ser casado, que cada um fosse rico e vivesse em liberdade”. Principalmente a quebra do celibato, por isso, nos alude à Reforma Religiosa, liderada por Martinho Lutero, que em uma de suas 95 teses (1517) defendia a permissão de casamento aos padres e às freiras.

Feita então a caracterização da atmosfera de carnavalização, Gargântua faz questão de nos descrever minuciosamente a inscrição sobre a grande porta da abadia. Nela detectamos um tom imperativo que objetiva afastar todos os cristãos que seguiam a ideologia cristã medieval, da qual François Rabelais se afirma radicalmente contra.

O texto inicia com “Afastai-vos, hipócritas carolas”. Percebe-se o verbo no imperativo, acompanhado por um adjetivo de significação agressiva e contundente. “Não entreis, monges sujos, preguiçosos”. Novamente observemos a escolha lexical dos adjetivos. Sijos traz como pressuposto seu par dicotômico, a limpeza da alma, segundo a ideologia cristã, característica de quem é puro e não comete pecados..

E assim prossegue por meio de um conjunto de adjetivos depreciativos. Como: Hipócritas, sujos, tolos, ociosos, farsantes, mentirosos, rufiões...

No capítulo LV, então, observa-se uma descrição do espaço interior do solar dos Thelemites: “No meio do pátio havia uma fonte magnífica de belo alabastro. [...] Viam-se belas galerias compridas e amplas, ornadas de pinturas, de chifres de unicórnios, rinocerontes e hipopótamos, dentes de elefante e outras coisas semelhantes [...]”. Por esse excerto, observa-se que não expostas pinturas ou esculturas de temática religiosa. Mas chifres, dentes de animais fortes o que simboliza a superioridade do homem perante os outros seres. Novamente evidencia-se o caráter antropocêntrico da obra.

Além disso, com base no trecho “Havia liças, o hipódromo, o teatro e piscinas de natação, com banheiros miríficos de água de mirto. Junto ao rio, ficava o belo jardim de recreio. No meio dele, havia um belo labirinto. Entre as duas outras torres, ficava o terreno para o jogo de bola[...]” percebe diversos elementos ligados ao lazer esportivo e cultural: a liça, o hipódromo, o teatro, a piscina, o labirinto, o terreno para jogo de bola. Esses componentes seriam inimagináveis numa abadia tradicional que se pautava na funcionalidade. Assim, ele propõe novas rupturas por meio do estabelecimento do ludismo, termo que descende do latim *ludus* que significa jogo.

Assim, próximos à igreja estavam os edifícios que marcam o cotidiano dos monges, como o refeitório, o dormitório, o salão comum para a necessária convivência social, a sala do capítulo ou sala capitular, para reuniões de caráter disciplinar e religioso e a isso se limitava a vida dos abades.

No capítulo LVI, tem-se a descrição do vestuário utilizado pelos habitantes da abadia de Thèleme. Há uma padronização entre as vestes dos habitantes daquela abadia. Isso se deu, todavia, “por sua livre e espontânea vontade”, como se pode perceber no excerto abaixo:

Mas tal era a simpatia reinante entre os homens e as mulheres, que cada dia eles se vestiam de maneira igual. E para que isso fosse possível, certos fidalgos se encarregavam de dizer cada manhã aos homens que traje desejavam as mulheres que eles vestissem naquele dia. Pois tudo era feito segundo o arbítrio das damas. E nessas vestes tão adequadas e tão ricas, não penseis que eles perdessem algum

tempo, pois os guardas-roupas tinham tudo pronto cada manhã, e as criadas de quarto eram tão diligentes que em um momento as damas se vestiam dos pés à cabeça. (Rabelais, 2003:49)

Apesar de não haver nesse caso uma crítica à padronização, tem-se uma inferência muito interessante desse fato. Os homens e mulheres se vestem iguais, mas cada dia essa roupa é mudada por vontade das damas. Dessa forma, havia a necessidade de um guarda-roupa homericamente vasto. Sem comentar as diversas criadas. Isso denuncia um esbanjamento de riqueza que dialoga justamente em contraposição à voz que defenderia o voto de humildade dos abades principalmente se estes forem franciscanos.

É interessante observar que, apesar de não ser necessário saber, ancora-se essa crítica no fato de que Rabelais fora monge beneditista e franciscano e, dessa forma, tem experiência e conhecimento vastos sobre essas ideologias.

Dessa cena, pode-se ver também que Gargântua assume-se como favorável ao capitalismo comercial, cuja ordem é representada pelos fabricantes e vendedores de mercadorias, representados simbolicamente pelos “ourives, lapidários, bordadores, alfaiates, tapeceiros e tecelões”.

Enfim, no último capítulo que será analisado, o autor faz um resumo de toda a filosofia dos Thelemites, reafirmando o caráter anárquico e carnavalizado, em que tudo o que fosse convenção não deveria ser seguida, ou sim, desde que seja por vontade individual.

Assim as leis, estatutos ou regras são subordinados à consciência individual. “Toda a sua vida era empregada não por leis, estatutos ou regras, mas segundo a sua livre e espontânea vontade”. Nesse universo, os personagens-abades “Levantam-se da cama quando muito bem queriam; bebiam, comiam, trabalhavam, dormiam, quando lhes dava vontade. Ninguém os acordava, ninguém os obrigava a beber, a comer ou a fazer qualquer coisa”.

Resumindo toda a filosofia, nos é lançada uma frase-síntese desse episódio: “Assim estabeleceu Gargântua. Em sua regra só havia esta cláusula: FAZE O QUE QUISERES”.

Num universo assim, todavia, poder-se-ia questionar se seria possível o convívio em sociedade. Para esclarecer isso, faz-se preciso lembrar o conceito de verossimilhança. Não se pode analisá-lo com os olhos do mundo real. Principalmente, tratando-se de um universo carnavalizado.

Afora isso, Gargântua defende: “Porque as pessoas liberadas, bem nascidas, bem instruídas, convivendo com gente honesta, têm por natureza um instinto de estímulo que sempre as impele para a virtude e as afasta do vício; a que chamam honra”. E, sendo assim, conseguiriam conviver apesar das individualidades.

Com essa explicitação da síntese filosófica, eleva-se o pensamento humanista à máxima importância. Esse é definido por Di’Onofrio como:

O pensamento humanista devolve ao homem a liberdade de construir seu próprio projeto de vida, fora das amarras das instituições medievais do Império e da Igreja, os ápices da pirâmide do sistema feudal. O centro do interesse da cultura se desloca da transcendência (Teocentrismo) para a imanência (Antropologia Naturalista). O pensamento ético retoma o princípio epicurista de que o sumo bem é o prazer, não somente do espírito mas também do corpo, e a virtude

reside na “ataraxia”, a ausência de preocupações, devendo-se viver segundo a natureza, evitando-se quer privações quer excessos. Daí a condenação da vida monástica e contemplativa, considerada forma de vida antinatural (Di’Onofrio, 2004:221).

Além disso, há uma valorização explícita do racionalismo e do cientificismo como sendo características capazes de confundir o homem com o próprio Deus, haja vista sua genialidade e a criatividade. Como diz Mousnier (apud Vicentino, 2002:190): “Pode assemelhar-se a Deus primeiramente, depois identifica-se a ele, se Deus o quiser, pela criação. O homem é , como deus ,um artista universal”.

Percebe-se isso em trechos como: “Tão bem haviam estudado, que não havia aquele ou aquela que não soubesse ler, escrever, cantar, tocar um instrumento, falar cinco a seis línguas e nelas compor, tanto em verso como em prosa”. Assim, dentro de um universo exageradamente imaginado, o ideal de homem escolhido é cultíssimo, assemelhando-se ao ideal grego apontado por Jäger (2001) na sua caracterização da Paidéia.

Afora isso, “jamais se viram cavaleiros tão bravos, tão galantes, tão destros a pé e a cavalo, tão ágeis, tão bem manejando todas as armas. Jamais se viram damas tão decorosas, tão graciosas, menos rabugentas, mais douradas, na mão, na agulha, em todo ato feminino honesto e livre do que as que lá estavam”. Dessa forma, têm-se homens e mulheres que além de cultos, conseguem aplicar seus conhecimentos na realização de seus “deveres”. François Rabelais se coloca, de acordo com o trecho analisado, como um autor-síntese, que consegue por meio de um recurso estético medieval que é a carnavalização e, conseqüentemente, fazendo ainda parte deste período, tecer críticas a esse período, olhando com simpatia para as idéias renascentistas.

Isso se justifica por que se percebe a defesa explícita do individualismo, do hedonismo, do anti-clericalismo (apesar de não se abster totalmente da religião), do racionalismo, do cientificismo e do humanismo.

A máxima proferida por Gargântua: “Faze o que queres” traz conseqüências notáveis nesse sentido. Com ela, François Rabelais está defendendo que as personagens não realizam as ações porque o grupo faz, ou porque lhes foi imposto. Fazem-nas porque assim querem. O individualismo se aflora dessa forma no autonomismo. O hedonismo também é ressaltado já que quando se escolhe o que fazer geralmente se prioriza o prazer individual e imediato.

O anti-clericalismo é observado quando se cria uma nova abadia na qual Rabelais se afirma discordante da forma como são conduzidas as existentes. E nessa abadia, ele defende conceitos absolutamente paradoxais à ideologia cristã da época tanto é que, em 1564, o *Index librorum prohibitorum*, outorgado pelo papa, classificou as obras de Rabelais como heréticas. Ao mesmo tempo, deve-se ponderar que assim como o Renascimento, ele não é a favor do fim da religião, ou o fim das abadias. Ele é contra o modelo existente, ou seja, à Igreja Medieval, mas defende a continuação da Igreja como instituição metonimizada na continuação das abadias.

A alusão à arquitetura e às pinturas clássicas denuncia seu gosto por essa tendência. Além disso, o que se mostra mais exibidor dessa característica é a presença do cuidado com a verossimilhança interna. Muitas coisas são absurdas, grotescas, inimagináveis, exageradas, mas dentro do universo da carnavalização que é caracterizado a obra, todas desempenham sentido irrestrito e papel fundamental.

O racionalismo e o cientificismo são percebidos quando se caracteriza os religiosos como letrados, políglotas, artistas. Eles representam simbolicamente o ideal do homem renascentista que é justamente esse homem que domina os conceitos científicos, a arte, as letras. Isso é corroborado pelo desejo de criar enciclopédias como forma de divulgar os conhecimentos e permitir que todos atinjam esse estereótipo de homem ideal renascentista.

Por último, é humanista porque adota como visão de mundo o antropocentrismo. Assim se discutem os hábitos que os religiosos devem adotar sobrepondo a vontade do homem à divina, defendendo que a vida celibatária é desumana, pois servir a Deus não deve ser sinônimo de sofrimento. Rezar, orar, servir deve ser algo espontâneo e não imposto. O tempo cronológico não deve controlar o homem, o corpo humano possui um relógio biológico que deve ser respeitado.

Assim, por meio da estratégia da carnavalização, sugere-se a instauração de uma nova ética, seguindo o conceito de Chauí (1994), reflexiva, problematizadora e proponente de novos valores morais que se distanciem daqueles cristãos, medievais, que já se conhece. Essa ética é contaminada pela ideologia renascentista nascente, mas é independente. Isso se corrobora pela estética da obra, pela manutenção da abadia como metonímia da instituição religiosa e pelo personagem principal que é um anti-herói fabricado pelo mundo medieval. Deve-se conceber, dessa forma, tratar-se de uma síntese dialética que, como tal, não pode negar nem a tese nem a antítese, mas as ressignificar.

Rabelais, no início do século XVI, chocou a sociedade da época ao publicar *Gargântua* (1534) pelo uso de uma linguagem simples, pela presença de elementos escatológicos e pela construção de um universo às avessas constituindo um realismo grotesco. Isso tudo com um tom de humor que aqulam o interesse do leitor. Afora isso, a temática abordada, incitava as idéias renascentistas humanistas e anti-clericais o que resultou na inclusão da obra ao *Index librorum prohibitorum* da Igreja Católica. No século XX, com a obra de Bakhtin, todas as visões sobre *Gargântua* passam a ser revolucionadas. A partir da teoria da carnavalização, então, busca-se aqui analisar o episódio da *Abadia de Thèleme* detectando como, por meio da verossimilhança, Rabelais teceu uma crítica voraz aos valores da sociedade medieval e assumiu-se dialético, na medida em que, por uma estética medieval, adota uma ideologia renascentista.

#### Referências:

- RABELAIS, François. *Gargântua e Pantagruel*. Tradução David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/UMB, 1987.
- RIBEIRO, J. L. *Gargantua: o personagem aprisionado*. Ipotesi Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n. 1, p. 31-43, 1999.
- ADAMS, PATCH (1945-). *A terapia do amor: trazendo saúde com a melhor das terapias: humor e alegria/ Patch Adams com Maureen Mylander*, tradução de Antônio Olinto – Rio de Janeiro: Mondrian, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval. Volume II*. Tradução de Manuel Ruas. 2ª edição. Editora Estampa Ltda. Lisboa, 1995.
- NÚRSIA, São Bento de. *Regula Monasteriorum*. Editora C. Butlher. Herderr, 1935.



D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais. 2ª edição. São Paulo. Ática, 2004.

VICENTINO, Cláudio. História Geral. Edição atual e ampliada. São Paulo: Scipione, 2002

JÄGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. 4ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 4ª edição. Editora Ática. São Paulo, 1994.